

3

Metodologia da pesquisa

A principal pergunta a ser respondida nesta pesquisa é: a formação de diversos grupos a partir da utilização da Internet (virtuais ou não), direta ou indiretamente, favorece a aceitação de anglicismos (ou americanismos) no português?

Tratar as atividades grupais que envolvem o uso da Internet, tanto direta quanto indiretamente, como atividades próprias de *comunidades de prática* (a partir deste momento representaremos o termo pela sigla CP) pode, a nosso ver, trazer a resposta para a pergunta anterior: por causa de ações realizadas em grupos que se caracterizam como CPs, a língua utilizada pelos componentes desses grupos passa a servir para a construção de uma identidade que corresponda ao sujeito praticante das atividades realizadas. Essa construção é individual, de um lado, e coletiva, de outro, ou seja: o interactante, antes de mais nada, se compõe enquanto sujeito de sua própria prática, mas, além disso, encaixa-se na engrenagem do funcionamento da CP da qual faz parte. E, para manter o funcionamento das atividades desses grupos, é necessário que se estabeleçam formas eficazes de comunicação. Sendo assim, ações e práticas dessas comunidades – sendo totalmente novas – precisam receber nomenclatura; daí a forte necessidade de uma postura de adoção de neologismos por parte das CPs. Nesse contexto, portanto, encontra-se a importância dos neologismos como meios de interação, uma vez aceito que práticas novas requerem um novo vocabulário, o que confirma a necessidade da criação ou da importação de termos que nomeiem aquilo que é parte de um novo campo semântico.

Partindo do ponto de vista de que a adesão de certa palavra estrangeira ao léxico de uma nova língua é um fenômeno sociocultural, político e, evidentemente, linguístico, faz-se necessário desenvolver uma pesquisa cuja análise de dados possa abarcar toda essa dinamicidade. Por isso, as etapas da pesquisa procuraram levar em consideração diferentes métodos, cada um deles adequado a um momento específico do trabalho. A primeira parte foi feita por meio da distribuição de questionários impressos, com opções de resposta pré-definidas, com o intuito de: 1 – recolher uma amostragem em que se evidenciasse, em números, o nível de aceitação dos novos vocábulos; e 2 – selecionar voluntários que, por conta de respostas que demonstravam bom nível de familiaridade com esses vocábulos, pode-

riam fornecer dados mais substanciosos para análise em entrevistas particulares, moldadas de acordo com o perfil de cada entrevistado. Embora nossa pesquisa não tenha um cunho exatamente etnográfico, buscamos nessa forma de pesquisa alguns pontos de apoio, como os que ressalta Mattos no trecho a seguir:

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Estas técnicas, muitas vezes, têm que ser formuladas ou criadas para atenderem à realidade do trabalho de campo. Nesta perspectiva, o processo de pesquisa será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador. (MATTOS, 2001, p.01)

Em resumo, metodologicamente, nossa pesquisa se divide em duas fases, sendo a primeira mais objetiva, com perguntas direcionadas de maneira mais padronizada, para possibilitar a escolha dos voluntários que serviriam à segunda fase, cujas entrevistas foram direcionadas de maneira menos padronizada, permitindo mais flexibilidade no diálogo com o entrevistador, o que, por sua vez, conferiu às respostas maior abrangência. Em todo o tempo, era nossa preocupação respeitar os traços identitários dos indivíduos e das comunidades e/ou grupos que nos serviram como fonte. Valemo-nos, então, dos seguintes princípios, apontados e defendidos por Mattos (2001), no que tange à pesquisa qualitativa:

1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura entendida: 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa, dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar. (MATTOS, 2001, p.02)

Sendo assim, os dados fornecidos pelos entrevistados serão tratados como provas da constante modificação que a sociedade, por meio de seus fazeres cotidianos, imprime no Português do Brasil. Nossa intenção quando da elaboração dessa metodologia era promover a ideia de que “as ciências sociais e as humanidades tornem-se terrenos para conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-nações, da globalização, da liberdade e da comunidade” (DENZIN e LINCOLN, 2000, p.16).

O *corpus* que serviu de base para a primeira parte da pesquisa é composto por cinquenta questionários distribuídos a falantes com idade entre 14 e 30 anos,

que acessam a Internet, minimamente, durante três dias da semana, a maioria tendo acesso diário à rede. O questionário apresentado perguntava se os informantes conheciam as formas verbais *bugar* e *printar*, oferecendo quatro opções de resposta, a saber: 1 – nunca ouvi; 2 – já ouvi, mas não sei o que significa; 3 – conheço, mas não uso/ouço com frequência; 4 – conheço e ouço/uso frequentemente. Para testar até que ponto as respostas forneciam o verdadeiro nível de familiaridade desses informantes com as formas verbais pesquisadas, pedia-se, em seguida, a construção de uma sentença que pudesse refletir a aplicação dos verbos numa frase. Quantificando, então, as respostas, alocando-as em 4 níveis de familiaridade, os resultados obtidos foram os seguintes:

Vocábulo	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3
<i>Bugar</i> : forma verbalizada do radical <i>bug</i>	38%	20%	22%	20%
<i>Printar</i> : forma verbalizada do radical <i>print</i>	31,25%	15,5%	31,25%	22%

Tabela 1. Percentual de falantes em cada nível de familiaridade com *bugar* e *printar*

Entendam-se os níveis da tabela acima da seguinte maneira:

Nível 0: não se lembra de ter ouvido a palavra;

Nível 1: já ouviu a palavra, mas não sabe seu significado;

Nível 2: ouviu a palavra, sabe seu significado, mas não faz uso frequente dela;

Nível 3: ouviu a palavra, sabe seu significado e a usa frequentemente.

Ainda nessa primeira etapa, todos eram solicitados a, caso conhecessem as palavras em questão, produzirem um enunciado em que se verificasse sua aplicação. Os questionários foram distribuídos dentro de um ambiente escolar, para alunos e professores. Os alunos situam-se entre o ensino fundamental e o médio, e constituem a maioria dos entrevistados (45 alunos), sendo apenas uma pequena parcela, de 5 pessoas ou cerca de dez por cento dos entrevistados, composta de professores.

Cinquenta por cento dos entrevistados eram do sexo masculino e cinquenta por cento do sexo feminino. O mais novo tem treze anos de idade e cursa o oitavo ano do ensino fundamental. O mais velho dos entrevistados no ambiente escolar é

uma professora de matemática com a idade de trinta e um anos. Foram ainda entrevistadas duas professoras e um professor de língua portuguesa, com as idades, respectivamente, de vinte e seis, vinte e três anos e vinte e seis anos. A grande maioria dos entrevistados, aproximadamente noventa e cinco por cento, situa-se na faixa etária entre doze e dezesseis anos de idade e todos possuem computador em suas casas, variando apenas o tempo disponível para o acesso à rede. Para exemplificar substratos indígenas no português atual, foi entrevistado um falante paraense, que, surpreendentemente, contribuiu também para a análise de *bug* apresentando polissemia, como poderá ser visto no capítulo 5. Fora do ambiente escolar, entrevistou-se ainda um falante que estuda a área técnica da informática, com idade de vinte e quatro anos.

Todos os falantes que apresentaram familiaridade com as palavras pesquisadas foram capazes de inserir pelo menos uma delas em contextos frasais, como podemos ver na lista abaixo, em que se encontram todos os enunciados criados. É importante frisar que tais enunciados foram construídos em linguagem escrita, o que pode ser visto em peculiaridades de certas frases, como, por exemplo, linguagem artificial e, a mais notória, uma explicação entre parênteses na frase do falante Luan.

Para preservar a identidade dos falantes, seus nomes foram substituídos por pseudônimos que se iniciam pela primeira letra do nome original. Cumprida essa primeira etapa, em que se realizou uma pequena quantificação de dados e uma triagem de falantes a serem entrevistados, partimos para as gravações. Para facilitar a identificação das formas verbais analisadas, as apresentamos em negrito:

Camile:	_____
	Amiga, você tem que printar aquela conversa.
Silvana:	Vou printar a página e enviá-la para que veja o erro.
	Não consegui abrir a página porque o <i>site</i> está bugando .
Glauco	Cara, não acessa isso senão vai bugar a porra toda.
	Pode printar essa conversa? Está muito engraçada.
Isadora:	Eu vou dar print naquela conversa do MSN.
	O computador bugou .
Gilberto:	Esse aplicativo pode bugar com frequência.
	Poderia printar sua conversa com ela?
Ana:	O meu computador bugou .
	É só printar a página e colar no paint.
Bianca:	O computador bugou .
	Printei uma imagem no meu computador.

Roberta:	_____
	Eu printei minha conversa no MSN.
Edilson:	_____
	A menina printou a conversa no MSN.
Fábio:	Meu computador bugou .
	Eu printei meu trabalho escolar.
George:	Meu computador tem um jogo e esse jogo bugou duas vezes.
	No meu computador, não consigo printar imagens.
Paulo:	O “Combat Arms” bugou .
	Vou printar a página do Google.
Taiane:	_____
	Vou printar um exercício da Internet.
Mariana:	O jogo bugou .
	Eu irei printar a paisagem.
Marina:	O computador bugou .
	Eu printei você.
Isabelle:	_____
	Você poderia printar essa imagem para mim?
John:	O jogo bugou .
	Eu tirei um print da conversa.
Patrick :	Meu computador está bugado .
	Vou printar a conversa e o jogo.
Janaína:	O computador bugou .
	Vou printar aquela imagem da Internet.
Luan:	Ontem, meu computador bugou .
	Essa conversa vai ser printada . (conversa de MSN, por exemplo).
Pedro:	O jogo bugou .
	Tirei um print da nossa conversa.
Ronaldo:	O jogo que ele estava jogando bugou .

Luís:	Eu buguei meu jogo.
	Você printou a imagem?
Marcelo:	Meu PC tá bugado .
	Posso printar esta conversa.
Julieta:	_____
	Ontem eu printei uma conversa do MSN.
Leon:	_____
	Eu quero printar minha conversa do MSN.
Júlia	O vídeo game bugou .
	Ana printou sua conversa no MSN, com Bia.
Naiara:	O jogo está bugado .

Mauro:	Esse sítio vive bugando o computador.
	É melhor printar essa página.
Diogo:	O Computador está bugando , ou seja, está dando problemas.
	Printe esse quadro para eu colocar no texto.

Tabela 2. Lista de frases fornecidas nos questionários

A quantificação dos dados é parte crucial em qualquer pesquisa que queira evidenciar a consolidação de uma nova forma lexical, uma vez que, como sabemos, é por meio de uma quantidade minimamente expressiva de incidências que podemos confirmar que determinado signo linguístico está circulando de maneira funcional entre os falantes. Nesse sentido, embora nosso trabalho não tenha sido guiado por um viés, de fato, quantitativo, apresentamos os percentuais de nossos resultados, julgando que o grupo selecionado serve como um recorte idealmente representativo para análise de determinado grupo social, no caso o de jovens de classe média que usam a Internet com considerável frequência.

No entanto, tal procedimento não pode ser considerado suficiente para que o processo de cristalização de novas palavras seja dado como compreendido. É a soma de fatores que levaram aos percentuais atingidos que nos revela o que, de fato, ocorre quando nasce um neologismo. Para atingirmos a esses fatores, recorreremos ao método qualitativo. Vejamos o que dizem Denzin e Lincoln sobre esse ponto:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2000, p.16)

No trecho supracitado, confirma-se nosso ponto de vista: de nada nos valem os percentuais obtidos se não os contemplamos de um ponto de vista sociolinguístico, inserindo-os no mundo como fenômenos que unem língua e sociedade.

É justamente para atender à proposta de pesquisa qualitativa da citação acima, em que o objeto de pesquisa deve ser analisado dentro de seu ambiente de origem e funcionamento, que direcionamos as entrevistas a mostrar a forte ligação entre as práticas cotidianas e a aceitação dos estrangeirismos, o que resulta no combate a alguns pontos de vista que se vêm observando em produções acadêmicas relativas a esses processos de incorporação lexical. Como exemplo, cito o caso de Carvalho (2007), que, em seu artigo *A influência da língua inglesa no discurso das propagandas veiculadas em revistas*, limita o olhar para essa questão, ao re-

forçar a velha fala de que os anglicismos nada mais são do que espelhos da dominação cultural norte-americana nas línguas de países em desenvolvimento e sub-desenvolvidos.

É o que se insinua, por exemplo, nas seguintes questões:

Em nossos dias são perceptíveis o uso de termos expressões, usos e costumes oriundos de outros idiomas e culturas, principalmente no que diz respeito à língua inglesa que é considerada a língua base dos estrangeirismos, porém a maioria das pessoas nem percebem a quantidade de estrangeirismos que são utilizados no dia a dia. Diante deste fato surgem vários questionamentos: Será que o brasileiro sabe o real significado dessas palavras? Permitir o uso excessivo de termos e expressões estrangeiras na língua portuguesa representa um processo de evolução linguística ou de desvalorização linguística brasileira? (CARVALHO, 2007, p.05)

As perguntas feitas por Carvalho no trecho acima serão respondidas em outros capítulos de nosso trabalho, mas, por hora, adianta-se que trata-se de respostas extremamente opostas. Nas análises de propagandas que fez em seu artigo, a autora ressalta a ideia de que nos estrangeirismos contidos no anúncio o que há é uma valorização do produto por uma transferência do *status* da língua inglesa. Contra essa linha de pensamento, posiciona-se Moura Neves ao afirmar que:

Na verdade, o fato de alguns termos ingleses (sem tradução e sem adaptação) reconhecidamente fazerem parte de conjuntos de termos profissionais ou técnicos restritos não é o que vai estigmatizar indivíduos: ou os indivíduos vão estar fora desses contextos porque social, cultural e politicamente a eles não se integram, ou terão acesso ao uso das palavras inglesas pertencentes a esse universo e delas se utilizarão até o momento em que os produtos e técnicas se substituam por outros e as palavras desapareçam junto com o produto nomeado. (NEVES, 2004, p.41-42)

Esclarecemos que não partilhamos da concepção de tais palavras como uma simples rendição ao *American Way of Life* que deve ser detida a todo custo. Oposta a essa linha de raciocínio, nossa proposta é a de mostrar que o processo de incorporação de palavras estrangeiras se dá de maneira fenomenologicamente natural, como vem sendo desde as origens de nossa língua, e que tentar lutar contra esse fenômeno é o mesmo que lutar contra os princípios básicos da sociolinguística.

Feitas as prévias, vejamos a segunda etapa do trabalho, que consistiu (posteriormente à contagem das respostas obtidas nos questionários distribuídos) numa seleção de falantes que demonstraram algum nível de familiaridade com os termos

para responderem a perguntas mais específicas, elaboradas a partir dos dados por eles fornecidos. Como sabemos, quando se pisa o campo da pesquisa qualitativa, os dados devem assumir o comando da entrevista e o entrevistador passa a ser mero coadjuvante nesse processo. Logo, já se esperava ser necessário reavaliar, recapitular e reformatar as perguntas lançadas no questionário, bem como estar atento àquilo que poderia fugazmente passar despercebido. Dos cinquenta entrevistados na primeira parte, quinze falantes foram selecionados para essa segunda fase.

Esses falantes responderam a perguntas sobre a formulação da sentença que haviam fornecido (para aplicação dos vocábulos em teste), de modo que explicassem mais detalhadamente as práticas nelas descritas, o que serviu para ratificar o uso das palavras analisadas como sendo o mesmo evidenciado na pesquisa. Responderam também a perguntas que delinearam um perfil de “internauta”, indicando que interesses norteiam seu acesso à rede e, logo, que *sites* e programas são de sua preferência. Foi a partir da organização desses dados que conseguimos alocar esses falantes em Comunidades de Prática (WENGER, 1979).

Foi necessária, já durante a escrita dessa dissertação, uma nova seção de entrevistas, por conta de novos dados surgidos a partir da fala de uma entrevistada. Isso porque o processo morfológico que analisávamos, a saber, a transformação dos radicais *bug* e *print* em verbos do português a partir da alocação de desinências verbais, não era o único processo de verbalização sofrido por tais radicais. Nesse momento, recorremos aos estudos de Basílio (2001), que apontam para a possibilidade da formação de locuções verbais a partir da soma de um verbo suporte a formas substantivadas. As novas entrevistas, com o objetivo de embasar a ocorrência dessa segunda hipótese como validamente sistêmica, se nortearam nas seguintes arguições:

1. Você conhece a expressão dar *bug*?
2. Você se familiariza mais com qual das frases abaixo:
O computador *bugou*.
O computador deu *bug*.
3. Você conhece a expressão dar *print*?
4. Você se familiariza com qual das frases abaixo:
Vou *printar* a página e mando para você.
Vou dar *print* na página e mando para você.

No intuito de caracterizar uma das comunidades de prática em especial – as *lan houses* – verificou-se ser também bastante conveniente direcionar uma entrevista a um proprietário de *lan house*, para que fosse possível oferecer uma visão holística do funcionamento de grupos e subgrupos relacionados a atividades *on-line*. Para isso, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Há quanto tempo você trabalha com *lan house*?
2. Nesse período de trabalho, você é capaz de identificar se houve alguma oscilação quanto à demanda do serviço das *lan houses*?
3. Seu público alvo se situa em que faixa etária? Tente, se possível, fornecer uma idade mínima e uma máxima, levando em conta a grande maioria de seus clientes.
4. Você saberia informar se todos os seus clientes não possuem Internet em casa, ou se há alguma razão em particular para preferirem acessar a Internet de um local próprio para isso?
5. Você é capaz de identificar a formação de grupos entre seus clientes de acordo com os interesses em relação à Internet?
6. Você poderia comentar algo sobre algum tipo de linguagem própria de grupos de usuários em particular, por exemplo, praticantes de jogos *on-line*?
7. Você saberia dar uma definição para a palavra *bugar* e para a palavra *pintar*?
8. Poderia aplicar cada um desses vocábulos numa frase ?
9. Fale um pouco sobre as frases que você forneceu na resposta à pergunta anterior, explicando ao máximo possível o que quis dizer com elas.
10. Para você, a expressão *bugar* é mais ou menos usual que a expressão *dar bug*?
11. Para você, a expressão *printar* é mais ou menos usual que a expressão *dar print*?
12. Quando você usa o computador, quais são seus maiores focos de interesse?

A análise dos dados vem no capítulo a seguir, em que nos preocupamos em evidenciar os verbos *bugar* e *printar* como itens do léxico do português brasileiro, partindo de uma abordagem mais social para chegar a uma abordagem mais gramatical. Assim procedemos porque consideramos igualmente importante mostrar a situação pragmática dessas palavras, bem como comprovar sua adequação ao sistema linguístico do português.

3.1

Breve comentário sobre a transcrição das entrevistas

Muito se tem discutido acerca do sistema gráfico a se adotar para transcrições em análise da conversa, exatamente por ser por meio da análise da conversa que se observam os diversos pontos da vida e da interação humanas que se perfazem por meio da linguagem. As transcrições, portanto, precisam abarcar a dinamicidade da atividade humana que se faz pela linguagem, bem como da linguagem, que se molda às necessidades das atividades que nascem por meio dela.

Contrapondo-nos àquela visão sociolinguística apresentada por Gago, em seu artigo *Questões de Transcrição em Análise da Conversa*, como “a que via somente nas grandes questões (como classe social, raça, relações de dominação, etc.) (Sacks, 1984, p.22) o objeto de interesse sociológico” (p.92), nossa pesquisa, como se pode ver, encontra nos detalhes da fala cotidiana o objeto passível de sistematização. Por isso, nos valeremos, em nossas transcrições, do modelo adotado, atualmente, pela análise da conversa etnometodológica, que levará em conta o máximo dos elementos lingüísticos e extralingüísticos, importantes na caracterização das atividades corriqueiras, por nós consideradas as verdadeiras fontes de material lingüístico que renova a língua a cada dia. As discussões apresentadas por Gago em seu artigo supracitado nos serviram de base para adotar o sistema de transcrição descrito abaixo, que julgamos servir aos objetivos de nossa pesquisa. Assim, nossas transcrições se realizaram com a ajuda dos seguintes recursos gráficos:

A vogal continuada será representada por dois pontos (:) a cada 0,5 segundo de repetição;

As falas dos entrevistados seguirão a norma de escrita-padrão, e apenas serão destacadas na norma da escrita modificada palavras cuja pronúncia seja imprescindível para a apreensão do tema por parte do leitor. Nesse caso, usaremos os símbolos aceitos pela Associação Internacional de fonética (Internacional Phonetic Association), ou seja, o Alfabeto Fonético Internacional (Edwards; Lampert, 1993);

Quanto às pausas no discurso dos falantes, só serão levadas em conta aquelas que mostrem utilização considerável de tempo para reflexão ou hesitação diante de uma resposta. Micro-pausas (inferiores a três décimos de segundo) serão

ignoradas. A contagem de tempo das pausas relevantes será apresentada em números, dentro dos parênteses;

Situações extralinguísticas importantes, tais como gestos ou expressões, serão comentadas dentro de duplos parênteses. Comentários do entrevistador considerados pertinentes também aparecerão dentro dos duplos parênteses;

As linhas das conversas estão enumeradas, e as trocas de turno são marcadas pelo nome dos falantes.